



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

*Implicações da prática de futebol de 11 e de 9 para
a formação de jovens em idade escolar*

Paulo Quelhas

**Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
(2º ciclo de estudos)**

Orientador: Prof. Doutor Bruno Travassos

Covilhã, junho de 2013

“Quando estamos motivados por metas que têm significados profundos, por sonhos que precisam ser realizados, por puro amor que precisa de se expressar, então nós vivemos verdadeiramente a vida.”

Greg Anderson

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor Bruno Travassos, uma disponibilidade, amabilidade e competência ímpares e quase únicas nos dias que correm e decisivas para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, que continuam a viver só para os filhos (e agora também para os netos) e que são um ideal de vida que muito me orgulha.

Aos meus filhos, Sara e Diogo, e à minha esposa Sónia que, apesar de todos os meus defeitos, me amam como sou e estão sempre presentes.

Aos dirigentes, técnicos e jogadores do Clube Académico do Fundão e Associação Desportiva da Estação, que permitiram e colaboraram de forma muito competente e séria para a realização do estudo e que estendo também aos árbitros participantes.

À Aida, à Betty e ao Natário, pela contribuição e ajuda na construção deste documento.

A todos aqueles não mencionados e que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para que este estudo pudesse ser realizado. O vosso trabalho também foi muito importante!

Por último, agradeço a todos aqueles que comigo partilham os passeios de BTT. Sem o saberem a sua companhia, amizade e disponibilidade proporcionam-me momentos de grande libertação de stress e ajudam-me a preparar a mente para a minha vida profissional. A inspiração cresceu ao ritmo das serras e caminhos que subíamos e a descrença no sucesso caiu ao ritmo das estradas sinuosas que descíamos. A todos esses companheiros obrigado!

Resumo

Analisando o programa educativo das escolas e os modelos competitivos da Federação Portuguesa de Futebol, verificamos que, o ensino do jogo de futebol transita bruscamente de uma organização formal de 7x7, nos escalões de infantis (2º ciclo), para o jogo formal de futebol 11x11 nos iniciados (3º ciclo). Sabendo da importância da organização estrutural adotada no ensino do jogo nas escolas e em contexto de clube, é objetivo deste trabalho realizar um estudo comparativo entre o FUT 9 e o FUT 11, verificando se existem, para os jovens praticantes, vantagens na prática competitiva de um em relação ao outro.

Neste estudo iremos apenas focar a nossa atenção na diferença existente entre o número de intervenções que os jovens têm sobre a bola quando praticam FUT 9 e FUT 11. Para tal, foi realizado um jogo de FUT 9 e outro de FUT 11, com uma semana de intervalo, no mesmo campo e com os mesmos intervenientes. Através de uma grelha de registo notacional das ações, os jogos foram analisados para a identificação do número de ações realizadas por cada equipa no decorrer do mesmo.

Os resultados obtidos mostram que, apesar de no FUT 9 os jogadores apresentarem tendencialmente mais intervenções sobre a bola, estas diferenças apenas foram significativas para o número de passes e receções. No entanto, ao analisarmos os jogos tendo em atenção o número de jogadores intervenientes no FUT 9 e no FUT 11, verificamos que, em média, cada jogador num jogo de FUT 9 tem mais 44% de intervenções sobre a bola que num jogo de FUT 11. Analisando as diferentes ações dos jovens jogadores pudemos constatar que estas diferenças, em média, se situam: Entre 10 e 16% mais de intervenções de cabeça (defensivas e ofensivas); entre 30 a 40% mais Passes Longos e Remates; acima de 50% mais de Passes curtos, Receções, Dribles 1x1, Conduções de bola, Lançamentos de linha lateral e Cantos; os jovens guarda-redes foram chamados a intervir no jogo em média mais 60% das vezes.

Em conclusão, podemos afirmar que apenas comparando a prática do FUT 9 com o FUT 11, pela vertente do fator “intervenções sobre a bola” e os benefícios daí resultantes para os jovens na aquisição de habilidades para jogar, concluímos que se justifica a prática do FUT 9 como etapa intermédia de transição entre o FUT 7 e o FUT 11.

Palavras-chave: futebol, etapas de ensino do jogo, futebol juvenil, futebol de 9, futebol de 11.

Abstrat

After the analysis of the school teaching curriculum and the competition models of the Portuguese Football Federation we have found that teaching football game goes sharply from a formal organization of 7vs7 players (for children rank in Middle School, 5th and 6th grade) to the football formal game of 11vs11 beginner level (for youngsters of Middle School in the 7th, 8th and 9th grade). Being aware of the importance of the organizational structure adopted in football game to improve players performance, we intend to make a comparative study between 11 a-side football (FOOT 11) and 9 a-side football (FOOT 9), checking if there are competitive advantages in the practice of either one of the given models for young practitioners.

This study aims to show the difference in the number of interventions on the ball from youngsters while practicing FOOT 11 vs FOOT 9. Thus, both organizational models were used for the development of two football games with the same players (and participants in this study) and the same field in a week apart. These games were analyzed through a notational system, identifying the actions and their frequency for each team.

The results achieved revealed that the children of a FOOT 9 condition can eventually reach more actions although these differences were only relevant concerning pass and receiving drills.

However through our observation of the several games according to the number of players in FOOT 9 and FOOT 11, it is clear that each player of a FOOT 9 team has more 44% ball touches than those in a FOOT 11 team. Analyzing the different actions of our young players we confirm that those differences generally consist in 10 to 16 % more heading (defensive and offensive); more 30 to 40% long passes and kicks; more than 50% of short kicks, receivings and dribbles 1vs1, ball leading, throws and corners; and finally the young goal keepers were called more often to intervene in the game (over 60%).

In the end comparing FOOT 9 to FOOT 11 based on the criteria of numbers of football drills and the learning benefits for the young players, FOOT 9 is substantially more interesting as a transitory learning step from FOOT 7 to FOOT 11.

Key words: football, steps of football teaching, junior football, 9 a-side football, 11 a-side football.

Índice

Lista de Figuras	VIII
Lista de Tabelas	IX
Lista de Acrónimos	X
1 - Introdução	
1.1 Aprendizagem dos Desportos Coletivos - Futebol	1
1.2 O ensino do futebol - Futebol 7/Futebol 11	3
1.3 A competição nos jovens em idade escolar	6
1.4 Problemas e objetivos do estudo	9
1.5 Hipóteses de estudo	10
2 - Metodologia	
2.1 Caracterização da amostra	11
2.2 Procedimentos e recolha de dados	11
2.3 Definição de variáveis	13
2.4 Tratamento dos dados	15
2.5 Fiabilidade da amostra	15
3 Apresentação e discussão dos resultados	16
4 Discussão e conclusões	
4.1 Discussão dos resultados	21
4.2 Propostas para estudos futuros	23
4.3 Conclusões	25
Referências bibliográficas	26
Anexos	
Anexo A - Autorização do estudo por parte dos Encarregados de Educação	29

Lista de Figuras

Figura 1 - Transição dos modelos competitivos em função dos escalões de formação (Adaptado de Wein, 2004)

Figura 2 - Etapas de formação e modelos competitivos (Adaptado de Pacheco, 2009)

Figura 3 - Medidas adoptadas dos campos e balizas

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Análise aos conteúdos dos manuais escolares no que diz respeito à modalidade de futebol no 2º ciclo

Tabela 2 - Total das ações realizadas pelas equipas A e B nos jogos de FUT 9 e de FUT 11

Tabela 3 - Média e desvio padrão do número de ações realizadas para as duas condições de jogo

Tabela 4 - Resultados da comparação do número de ações realizadas entre as duas condições de jogo

Tabela 5 - Diferença percentual entre o número de ações realizadas para cada condição tendo por base o rácio de ações realizadas com referência ao número de jogadores em campo

Lista de Acrónimos

FUT 7	Futebol de 7
FUT 9	Futebol de 9
FUT 11	Futebol de 11
Sub-12	Jovens com idade inferior a 12 anos
Sub-13	Jovens com idade inferior a 13 anos
Sub-14	Jovens com idade inferior a 14 anos
Sub-15	Jovens com idade inferior a 15 anos
JDC	Jogos Desportivos Coletivos
AFCB	Associação de Futebol de Castelo Branco
AFG	Associação de Futebol Da Guarda
FA	Federação Inglesa de Futebol ou Football Association

1 Introdução

1.1 Aprendizagem dos Jogos Desportivos Coletivos - Futebol

O estudo dos jogos desportivos coletivos a partir da análise comportamental dos jogadores e das equipas em situação de jogo não é recente. Numa perspetiva de aumentar o rendimento individual e coletivo, todas as modalidades desportivas tendem a analisar e observar o jogo nas suas mais diversas vertentes (Garganta, 1998; Garganta e Pinto, 1994; Castelo, 2004; Oliveira e Graça, 1995; Teoduresco, 1984) .

Dispondo hoje de uma vasta gama de recursos e meios tecnológicos, professores, treinadores e investigadores procuram aceder a cada vez mais informação sobre o jogo, tentando desta forma compreender cada vez melhor as modalidades, aumentar os seus conhecimentos e melhorar a prestação desportiva de alunos, jogadores e equipas.

Do universo das modalidades desportivas, o futebol é considerado por muitos o mais importante e popular desporto coletivo do planeta. Esta modalidade ultrapassa o mero espetáculo desportivo, tendo raízes profundas no ensino da educação física, na promoção de estilos de vida saudável, na sociabilização e formação educacional. Pela sua importância, tem sido praticada, transmitida, ensinada e treinada de muitas formas e é alvo de inúmeros estudos e investigações (Garganta e Pinto, 1994; Castelo, 2004; Borba, Barreto & Barreiros, 2007), que nos revelam conceções diversificadas e diferentes modelos de ensino e formação.

A importância da modalidade para o desenvolvimento dos jovens em idade escolar está bem patente na forma como o Ministério da Educação de Portugal (2001) o descreve nos seus programas de educação física:

“ O Futebol é introduzido desde cedo, pois é a modalidade cujas características técnicas (e regras) são mais conhecidas dos alunos, além de que dificilmente os alunos podem bloquear o jogo por egocentrismo na posse de bola; é o jogo desportivo em que mais alunos apresentam aptidão ou em que importa desde cedo cativar as raparigas e assegurar que elas adquiram competências básicas, nomeadamente as que dizem respeito à dissociação motora dos apoios, no jogo de deslocamento concomitante com o domínio da bola, que são de grande importância na formação da plasticidade ou disponibilidade para a realização de acções complexas.”.

Através da referência supracitada, fica patente a importância do ensino do futebol nas escolas como modalidade nuclear na formação de jovens. No entanto, não existe unanimidade quanto à forma como esta modalidade deve ser lecionada e praticada pelos jovens e, ao longo dos tempos, têm sido apresentados alguns métodos de ensino e sido alvo de discussão sobre a

eficácia dos mesmos (Pinto, 2007). Este é um problema que não é apenas da modalidade futebol, mas que se tem deparado com o ensino de praticamente todos os Jogos Desportivos Coletivos (JDC).

Não sendo a nossa base de estudo a comparação dos métodos de ensino e treino dos JDC, não nos vamos debruçar sobre eles, apenas identificar os métodos mais comuns: *analítico-sintético* (que assenta a sua essência no treino onde o todo é fraccionado em partes coerentes, treinando-se isoladamente e seguindo-se depois para a união das mesmas até se chegar ao treino do jogo propriamente dito); *global* (que parte do jogo formal para a aquisição e treino da técnica de base, neste caso o treino realiza-se adequando o jogo a uma sequência de jogos recreativos direcionados para as capacidades dos intervenientes); o *integrado* (que é essencialmente um método que funde os dois anteriores num só, pois a sua aplicação baseia-se em adaptar o jogo formal, treinando-o através de formas jogadas, jogos modificados e jogos reduzidos) (Pinto, 2007). Todos os intervenientes no processo de ensino recorrem a estes métodos, independentemente da predominância que fazem de uns relativamente aos outros, ou dos modelos de ensino implantados. De forma muito simplista e resumida, podemos afirmar que, apesar de todos eles serem hoje válidos e utilizados, existe, ao nível do ensino e do treino, uma evolução histórica até chegarmos ao método que assenta na adaptação do jogo formal em jogos reduzidos tendo por base as unidades funcionais do jogo (Pinto, 2007).

Sendo esta uma linha de orientação do treino e do ensino por etapas do futebol, que nos convém reter, vamos direccionar a nossa perspetiva para a forma como o jogo é jogado pelos jovens em competição ou contexto de jogo formal, mais concretamente para a forma como ele é proposto pelos professores, orientadores e treinadores aos nossos jovens e como ele é praticado.

De um modo geral, o ensino do futebol foi realizado durante longos anos sem que existissem quaisquer adaptações nas regras formais do jogo. Isto é, o campo, dimensão das balizas e a bola eram iguais para miúdos e graúdos. No entanto, as repercussões que daqui recorrem para o ensino do jogo são enormes no que respeita às possibilidades de jogo que as crianças possuem em relação aos adultos. Para além das diferenças estruturais entre adultos e crianças, existem diferenças funcionais que levam a que, por exemplo, num jogo de iniciados disputado num campo com as dimensões regulamentares de futebol, as crianças toquem muito menos vezes na bola do que os adultos face à dificuldade de adaptação a um espaço tão grande face às capacidades desta população (Carvalho e Pacheco, 1990). Por exemplo, em 1979, quando me iniciei na prática do futebol como iniciado a jogar em campo de futebol com as dimensões regulamentares ao fim de 20 minutos de jogo, tinha tocado não mais que 3 ou 4 vezes na bola e todas as intervenções com muito pouco sentido prático relativamente ao objetivo do jogo de futebol. Também neste caso, para percebermos como chegamos à realidade atual e às linhas em que assentam o ensino dos JDC, e do futebol em particular, seria necessário fazermos uma breve análise da história recente do jogo ao nível das competições. Permitam-me que use a história recente da evolução dos quadros competitivos

dos escalões de formação do nosso distrito e que estão sob tutela da Associação de Futebol de Castelo Branco (AFCB): até finais dos anos 80 o escalão de iniciação era o de iniciados (atualmente sub-14 e sub-15) e a competição era efetuada através do jogo de futebol de 11 (FUT 11), tendo sido introduzido nesta altura o escalão de infantis (sub-12 e sub-13), mantendo-se contudo o FUT 11. Apenas em 2003/2004 foi introduzido o escalão de Benjamins (sub-10 e sub-11) e, nesse mesmo ano, iniciou-se a prática do futebol de 7 (FUT 7), que passou a ser jogado em espaços obviamente mais reduzidos e praticado pelos escalões de Infantis (sub-12 e sub-13) e Benjamins. Mais recentemente, em 2010/2011 começaram a ser realizados encontros com os escalões de Traquinas (sub-8 e sub-9) e Petizes (sub-6 e sub-7), com jogos de 3x3 (sem guarda-redes), 4x4 e 5x5, e com dimensões de jogo e regras adaptáveis.

1.2 O Ensino do Futebol - Futebol 7/ Futebol 11

Analisando esta problemática, ao nível do ensino nas escolas, verificamos que os programas do ensino da educação física são demasiado generalistas e extensos, deixando para cada escola e professor a tarefa de seleccionar e organizar os conteúdos, e o modo de implementação dos mesmos. Se, por um lado esta medida pode ser vista como positiva, pois dá autonomia de decisão a quem vai aplicar o programa, por outro, origina uma diversidade de métodos e práticas que podem desvirtuar os objetivos iniciais dos programas de educação física e a uniformidade de critérios que se pretendem atingir no ensino escolar. O ensino do futebol não foge a esta caracterização.

Querendo focar a nossa abordagem ao nível do ensino do futebol através do jogo, e fazendo uma análise dos programas de educação física de 2º ciclo (1998) e 3º ciclo (2001), verificamos que ao nível do 2º ciclo (alunos sub-11 e sub-12) o jogo de futebol 7x7 é apresentado como o conteúdo a desenvolver e ser adquirido pelos alunos (Ministério da Educação de Portugal, 2002). Através dele, os jovens devem ser capazes de adquirir e aplicar os gestos técnicos de base da modalidade (passar, receber, conduzir a bola, rematar) e desenvolver uma cultura tática “elementar” (desmarcação através de fintas e mudanças de direcção, aclaramentos e marcação do adversário). Ao nível do 3º ciclo, o programa faz uma distinção entre o 7º ano (que mantém os pressupostos do 2º ciclo) e os restantes (8º e 9º anos). Nestes últimos, além do jogo de 7x7, introduz-se o jogo 11x11 e aumenta-se essencialmente os objetivos táticos a desenvolver: ataque rápido, penetração, criação de superioridade numérica defensiva e ofensiva, fecho de linhas de passe, dobras e compensações.

De modo a alcançar os objetivos do programa educativo, os professores e alunos têm nos manuais escolares um documento e instrumento de apoio que deve por isso retratar com rigor científico os conteúdos a desenvolver na disciplina e onde assentem as diretrizes generalistas constantes nos programas educativos. Fizemos por isso uma análise a alguns manuais de educação física, com impressão do ano de 2012 e que foram enviados para as escolas de modo

a poderem ser adotados por estas (ver tabela 1). A análise é feita unicamente sobre a modalidade de futebol e essencialmente sobre a identificação do tipo de jogo que os manuais apresentam e desenvolvem.

Tabela 1 - Análise aos conteúdos dos manuais escolares no que diz respeito à modalidade de futebol no 2º ciclo

MANUAIS	FUTSAL/FUTEBOL 5		FUTEBOL DE 7		FUTEBOL DE 11	
	Campo	Referência	Campo	Referência	Campo	Referência
Em Movimento (ASA)	Sim	Apresentação do jogo, regras - Futsal	Não	Não	Sim	Apresentação do jogo e regras
Hoje há Ed. Física (Leya)	Sim	Apresentação do jogo, regras - Futsal	Não	Não	Não	Não
Partida (Leya)	Sim	Apresentação do jogo, regras - Futsal	Não	Apenas refere que é o mais indicado para os jovens do 2º ciclo	Sim	Apresentação do jogo e regras.
Jogo Limpo (Porto Editora)	Não	Breve resumo com dimensões campo e algumas regras	Sim	Apresentação do jogo e regras.	Sim	Apresentação do jogo e regras.
Educação Física (Areal)	Sim	Breve resumo de apresentação do jogo - Futebol 5	Sim	Breve apresentação das dimensões do campo.	Sim	Breve apresentação do jogo e regras
Passa a Bola (Porto Editora)	Sim	Apresentação do jogo e regras - Futsal	Sim	Apresentação do jogo e regras.	Sim	Apresentação do jogo e regras.

Após a análise realizada, verificamos que, no caso do ensino do futebol, as propostas de apresentação do jogo e regras variam muito entre eles. Apesar do programa educativo do 2º ciclo identificar claramente o FUT 7 como a situação de jogo a desenvolver nas aulas, apenas dois dão claramente importância a esta forma de jogo, privilegiando-a relativamente ao FUT 11 e Futsal. Os restantes ou ignoram o FUT 7 ou fazem apenas breves referências a ela, indicando-a como a mais indicada para a idade dos jovens, mas não desenvolvendo a apresentação do jogo, a apresentação do campo ou os conteúdos a abordar. Como entender esta incongruência? Talvez se possa explicar da seguinte forma: por um lado o FUT 11 é a forma de jogo que os alunos mais conhecem, por ser referenciado diariamente nas televisões, jornais, revistas, internet e outros meios de comunicação e por isso mesmo os manuais apresentam esta forma do jogo que permite uma maior rapidez de assimilação por parte dos jovens que já estão mais ou menos identificados com ele, por outro lado, a maioria das escolas do ensino básico do nosso país apenas está equipada com um campo exterior polidesportivo e/ou um pavilhão desportivo. Nestes casos, independentemente da idade dos

alunos, o ensino e prática do futebol fica quase restrita ao futsal ou futebol de 5, apesar dos programas educativos apontarem para a prática do FUT 7 e FUT 11.

No entanto, este é um paradigma que certamente irá mudar, uma vez que existem escolas que têm disponíveis espaços desportivos de maiores dimensões na proximidade das escolas e esta situação terá tendência a acentuar-se, pois, por um lado, a criação dos mega-agrupamentos aumenta o número total de alunos na escola sede, e por outro, a legislação prevê um aumento do número de alunos por turma para cima dos 30 elementos. A conjugação destes fatores coloca uma dificuldade acrescida ao professor de educação física pois obriga a repensar os espaços a utilizar e as estratégias a desenvolver para potenciar o tempo útil de aula. Aliás, a introdução do FUT 7 em alguns manuais escolares é a prova disso mesmo, pois até há alguns (poucos) anos atrás esta forma de competição não fazia parte integrante dos conteúdos dos manuais.

Por outro lado, acentua-se cada vez mais a intervenção das autarquias na gestão escolar, e a cooperação entre as instituições vai permitir uma utilização por parte da escola dos equipamentos desportivos sob alçada do poder local. Neste sentido, os espaços disponíveis nas escolas para a prática desportiva, e no caso específico do futebol, tendem também a alterar-se. Esta realidade vem acentuar ainda mais as dificuldades daqueles que têm a função de ensinar aos jovens a prática do futebol.

Analisando o programa educativo escolar (1998 e 2001) verificamos que, no 2º ciclo, o ensino do jogo deve realizar-se com competição de 7x7 (apesar das dificuldades de algumas escolas em conseguirem espaços que o permitam) e no final do 3º ciclo a competição passa a realizar-se no jogo 11x11. Deste modo, a questão que se coloca é: quais as vantagens da aprendizagem do futebol através do jogo de FUT 7 relativamente ao FUT 11?

Pacheco (2001) refere que, são ainda escassos os estudos feitos com população infanto-juvenil no futebol. Este fator é agravado quando falamos em contexto escolar. Porém, parece-nos que esta realidade tem tendência para mudar. A formação desportiva dos jovens constitui um fator cada vez mais importante para a sociedade e a relação entre escola e clubes afigura-se como um dos fatores fulcrais para o desenvolvimento de programas desportivos que por um lado promovam a prática desportiva e por outro promovam a seleção e formação de talentos cada vez mais cedo. Nesta perspetiva, coloca-se um problema relativamente à idade em que os jovens jogadores devem iniciar a competição e em que tipos de competição devem evoluir.

Capranica, C; Tessitore, A; Guidetti, L & Figura, F. (2001) verificaram que no jogo de FUT 7 os jogadores realizam mais contatos com a bola do que no jogo formal (FUT 11) pelo que, a condição de exercitação com um menor número de jogadores e num espaço de jogo mais reduzido, constitui uma condição de jogo mais adequada à capacidade dos jovens praticantes.

Carvalho e Pacheco (1990), realizaram um estudo com atletas do escalão “Benjamins” (Sub-10) do Futebol Clube do Porto, fazendo uma análise comparativa entre as vantagens do FUT 7 e as desvantagens do FUT 11. Deste estudo, os autores concluíram que:

O número de contactos com a bola efetuado no FUT 7, é superior em cerca de 92% em relação aos jogos de FUT 11, principalmente o passe (+144%), o remate (+142%) e a condução de bola (+59%).

Do mesmo modo, Costa (1998) e Fernandes (1998) citados por Pacheco (2001), verificaram que no FUT 7, os jogadores em média apresentam um maior número de contactos com a bola, bem como uma maior frequência das diferentes ações de jogo, com especial incidência nos passes, nos remates e nas recuperações de bola, existe um maior número de golos e em termos fisiológicos parece ser a prática competitiva mais adequada para os jogadores sub-10, porque as características gerais do esforço que impõe, se aproximam mais dos deslocamentos solicitados pelo jogo no escalão sénior, o que não ocorre aquando da prática do FUT 11.

Parecem portanto adquiridas as vantagens do FUT 7 relativamente ao FUT 11 nos escalões de formação sub-10 e sub-11 (Benjamins). E esta realidade aplica-se ao nível do clubes/desporto associativo, como ao nível do ensino público/escola, pois nalguns casos eles até se sobrepõem uma vez que alguns dos alunos das escolas frequentam clubes de futebol, onde praticam a modalidade e realizam a competição de diferentes formas.

1.3 A Competição nos jovens em idade escolar

Face aos resultados apresentados, e uma vez que, a competição deve ter regras e princípios ajustados aos moldes da formação (Marques 2004), a forma como esta é praticada deve por isso ser motivo de reflexão. O mesmo autor refere que a competição deve ser pensada à medida dos interesses, expectativas e necessidades da criança, mas, também, de modo a que seja compatível com as suas aptidões e competências.

Em Portugal, a maioria dos clubes ou escolas de futebol realiza a competição sob a égide das associações distritais de futebol a que pertencem, e estas estão sob tutela da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), que define a competição em função das idades dos jovens atletas.

Quando observamos a organização do futebol associativo e federado, verificamos que esta segue uma linha de orientação subjacente aos estudos de análise dos jogos mais reduzidos, ou seja, à medida que a idade dos jovens aumenta, existe também uma evolução constante do número de jogadores envolvidos. Os jogadores estão divididos em escalões definidos na seguinte forma (época 2012/2013):

Petizes - nascidos em 2007/2006 (sub-6 e sub-7) - jogo 3x3 ou jogo 1+3x3+1

Traquinas - nascidos em 2005/2004 /sub-8 e sub-9) - FUT 5

Benjamins - nascidos em 2003/2002 (sub-10 e sub-11) - FUT 7

Infantis - nascidos em 2001/2000 (sub-12 e sub-13) - FUT 7

Iniciados - nascidos em 1999/1998 (sub-14 e sub-15) - FUT 11

Juvenis - nascidos em 1997/1996 (sub-16 e sub-17) - FUT 11

Juniores - nascidos em 1994/1995 (sub-18 e sub19) - FUT 11

Analisando os diferentes escalões e o jogo/competição praticado, verificamos que existe uma relação entre eles, ou seja, o número de jogadores aumenta à medida que os jovens vão evoluindo nos escalões etários, sendo este aumento proporcional até ao escalão de iniciados. Ou seja, desde o escalão de petizes (jogo 3x3) até ao escalão de infantis (jogo 7x7) o número de jogadores em competição vai aumentando de forma proporcional dois a dois, mas depois existe um salto dos jovens infantis aquando da sua passagem para o escalão de iniciados, que passam do FUT 7 para o FUT 11.

Se mantivéssemos a evolução constante do aumento do número de jogadores à medida que os jovens vão evoluindo nos escalões de formação, estes deveriam praticar o futebol de 9 (FUT 9) antes da prática do FUT 11, mas isso não acontece. No nosso país, a competição passa do FUT 7 para o FUT 11 e coloca-se a questão: “Antes do FUT 11 não deveria haver uma etapa intermédia, com menos jogadores e dimensões do terreno de jogo ligeiramente mais reduzidas?”.

Na mesma linha de pensamento, Wein (2004), refere que a competição deve ser um meio de desenvolvimento para os mais jovens durante as primeiras etapas de formação. Deve desenrolar-se sempre como um meio de motivação, e não como um objetivo final. Relativamente ao ensino do futebol, este autor indica que a criança terá menos possibilidades de melhorar se é confrontada com situações demasiado difíceis, como pode ser a prática de um jogo formal, onde a quantidade de jogadores, a falta de espaço, a complexidade das regras, entre outras características, podem tornar-se um obstáculo complexo ao seu desenvolvimento. Wein (2004) propõe um modelo competitivo nos jovens de acordo com a seguinte figura:

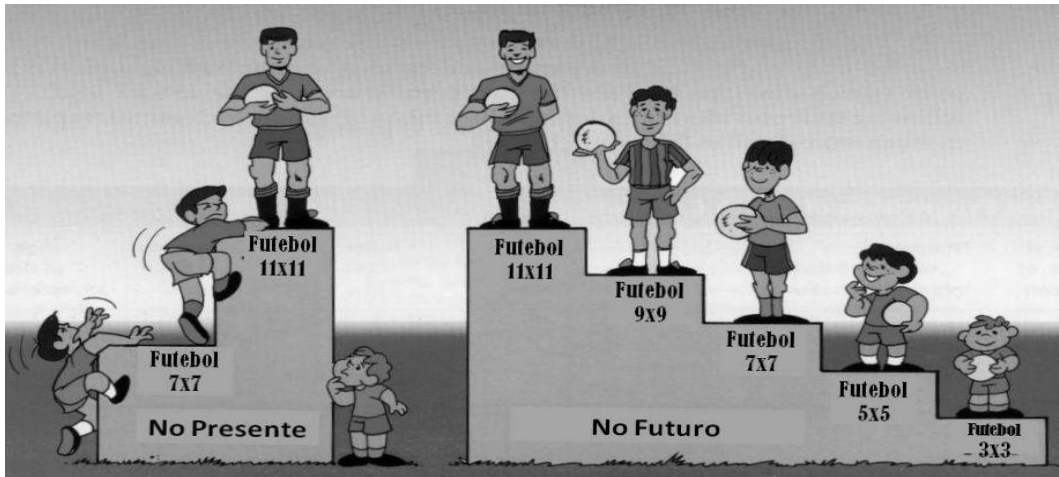


Figura 1 - Transição dos modelos competitivos em função dos escalões de formação (Adaptado de Wein, 2004)

Como podemos verificar, este autor defende a competição 9x9 como uma etapa de formação que se deve seguir à competição 7x7.

Da mesma forma, Pacheco (2009) é também defensor do jogo 9x9 como uma etapa de formação dos jovens que deve anteceder o jogo 11x11 e proceder o jogo 7x7. Inserido no XII curso de treinadores de futebol de 11 de 1º nível organizado pela Associação de Futebol da Guarda (AFG), este autor apresentou a sua metodologia sobre o ensino do futebol na fase de aprendizagem de pequenos praticantes. Relativamente às etapas de formação e modelos competitivos, eles são apresentados na seguinte figura:



Figura 2 - Etapas de formação e modelos competitivos (Adaptado de Pacheco, 2009)

A introdução do jogo de FUT 9, como competição intermédia entre o FUT 7 e o FUT 11 é aliás uma problemática que se coloca em muitos países. Em alguns casos este é um tipo de competição que já se encontra implementado, noutros esta é uma problemática que tem vindo a ser discutida e estudada. Lapresa, Arana & Garzón (2006), afirmam que existe uma lacuna no padrão competitivo da formação no futebol que facilite a transição entre o escalão de infantis e iniciados - o futebol de 9. Num estudo realizado na Comunidade Autónoma La Rioja, os autores chegaram à conclusão que, relativamente à ocupação do espaço nas vertentes profundidade e amplitude de jogo, os jovens atletas adaptavam-se melhor no FUT 9 que no FUT 11. Quando os jovens infantis fazem a transição do FUT 7 para o FUT 11, estes apresentam diferenças na forma como praticam um e outro, e estas diferenças implicam um desajuste entre as características do jogo e as reais capacidades do jovem em jogar esse jogo. Desta forma, os autores propõem a introdução de uma competição intermédia, o FUT 9, que devidamente adaptado, permitiria um maior domínio de espaço de jogo sem grandes diferenças do FUT 7. Por conseguinte, propõe-se uma adaptação do jogo em relação ao jovem e não do jovem em relação ao desporto dos adultos.

Em Inglaterra este também tem sido um assunto estudado e analisado. Em 2011, Dan Pope, editor do Club Website da Federação Inglesa de Futebol (FA), apresentou um artigo no clubnewsletter desse organismo, sob o título “A new direction for youth football in England”. Neste artigo são apresentadas várias recomendações da autoria de Nick Levett, para que existam alterações na organização das competições dos escalões de formação naquele território. Entre as alterações recomendadas, destaca-se a introdução do FUT 9, a ser praticado pelos jovens sub-11 e sub-12. Consultando o artigo “Why do we make our kids play like adults?” da FA, verificamos que esta recomendação foi aceite para a época 2013/2014 e é introduzido o FUT 9 para aqueles escalões. Foi inclusivamente elaborado um regulamento próprio que adapta o jogo às características dos jovens daquela faixa etária.

1.4 Problemas e objetivos do estudo

Face ao exposto anteriormente e não existindo evidências de comparação entre as vantagens e desvantagens da utilização do FUT 9 em relação ao FUT 11 nos jovens sub-14, é objetivo deste trabalho aferir se será pertinente introduzir em Portugal o FUT 9 e quais as vantagens daí resultantes para a formação dos jovens em idade escolar, nomeadamente naqueles que frequentam o 2º e 3º ciclo do ensino básico.

O futebol é uma modalidade complexa e que pode ser analisada de diversos ângulos e prismas, todos eles com um infindável conjunto de variáveis. Neste caso, pretendemos realizar um estudo comparativo entre o FUT 9 e o FUT 11, verificando se existem, para os

jovens praticantes, vantagens na prática competitiva de um em relação ao outro. No nosso estudo pretendemos fazer a análise do jogo relativamente ao número de intervenções que os jovens têm sobre a bola quando praticam um e outro. A redução do número de praticantes e das dimensões do espaço de jogo constitui um critério pedagógico amplamente referenciado, no sentido de envolver o praticante diretamente no jogo, aumentando o número de intervenções sobre a bola e as possibilidades de concretização (Garganta & Pinto, 1994, Graça, 1998 e Pinto, 1996). Serão as diferenças significativas?

1.5 Hipóteses de Estudo

Considerando os contributos conceptuais e empíricos, revistos anteriormente, definimos para este estudo as seguintes hipóteses de investigação:

H1 - Existem diferenças significativas entre o FUT 9 e o FUT 11 ao nível do número de intervenções sobre a bola por parte dos jovens.

H2 - Um jovem praticante, na prática do FUT 9 tem mais contacto com a bola (intervenções) do que na prática do FUT 11.

2 Metodologia

2.1 Caracterização da Amostra

Para realizar este estudo procurámos reduzir ao máximo as variáveis que poderiam influenciar os resultados finais. A primeira questão que se colocou foi relativa à amostra a utilizar no estudo. Pacheco (2009), refere que o FUT 9 deve ser praticado por jovens sub 11, sub 12 e sub 13, Lapresa, Arana & Garzón (2006), realizaram os seus estudos com jovens sub12 e sub 13 e a FA optou por incluir nesta competição os jovens sub11 e sub 12. Em Portugal o FUT 7 está a ser praticado na maioria das associações de futebol pelos sub 13, sub 12, sub 11 e sub10, e o FUT 11 inicia-se nos sub 14. Uma vez que as vantagens do FUT 7 estão já identificadas relativamente ao FUT 11 nos escalões atrás descritos e pretendemos verificar das vantagens/desvantagens do FUT 9 e FUT 11, optamos por fazer incidir o nosso estudo na população que está no presente ano desportivo a fazer a transição entre o FUT 7 e o FUT 11, neste caso os jovens com idade sub-14 (nascidos no ano de 1999), pois são estes os jovens que praticaram o FUT 7 na época anterior (escalão de infantis), estando na presente época desportiva a iniciar a competição de FUT 11.

Desta forma garantimos que todos os intervenientes têm experiência competitiva no FUT 7 e existe ainda pouca experiência competitiva ao nível do FUT 11, pois apenas agora a estão a iniciar, pelo que o risco de contaminação da amostra será muito reduzido.

A amostra é constituída por 26 jogadores de futebol, pertencentes a duas equipas do campeonato distrital de Castelo Branco, nascidos todos eles no ano de 1999 (sub-14). Todos os jogadores têm prática desportiva do FUT 7 (média de 4.2 ± 1.6 anos de prática desportiva). Nenhum dos jogadores tem prática desportiva de FUT 11 nas épocas anteriores. Os dirigentes dos clubes envolvidos e os pais e/ou encarregados de educação dos jogadores foram contactados previamente à realização deste estudo e deram o consentimento quanto à participação dos seus jogadores/educandos no mesmo.

2.2 - Procedimentos e Recolha de dados

Foram realizados dois jogos de futebol: um de FUT 11 e outro de FUT 9 em dias diferentes (intervalo de uma semana) no estádio municipal do Fundão. Os jogadores envolvidos foram os mesmos e mediante as alterações ao número de jogadores envolvidos procurou-se que ocupassem posições semelhantes em campo em ambos os dias.

As dimensões do campo de FUT 11 foram as existentes no Estádio Municipal do Fundão, que se inserem nos intervalos das medidas oficiais para o jogo e que são as seguintes: Comprimento - 105 metro; Largura 68 m; Balizas oficiais - 7,32 metros x 2,44 metros. Restantes medidas oficiais segundo regulamentos da FPF para o FUT 11.

Para a realização do jogo de FUT 9, visto que não existem medidas oficiais para o terreno de jogo, foram tidas em consideração: i) as medidas adotadas noutros países; ii) a manutenção da proporcionalidade comprimento largura do campo de fut 11.

A FA (2012) ao introduzir a competição de Fut 9 na presente época indicou uma medida mínima (70 x 40 m) e uma medida máxima (80 x 50 m). Na Comunidad Autónoma La Rioja, desde 2005/2006, joga-se, no primeiro ano de infantil, o FUT 9 e, segundo Lapresa, Arana, Garzon, Eguén e Amatria (2010), as medidas mais indicadas são 85 x 55 m.

Deste modo as medidas que adotamos para a realização do jogo de FUT 9 foram: Comprimento - 72 metros; Largura - 50 metros;

Para a marcação do terreno de jogo, as balizas foram colocadas no limite da área de baliza do campo de FUT 11, sendo esta linha definida como linha de baliza e sendo prolongada até aos 50 metros por uma fita sinalizadora auto-colante. As linhas laterais foram delimitadas com fitas sinalizadoras fixadas através de fitas auto-colantes. As áreas de baliza ficaram com as mesmas medidas das utilizadas no FUT 11 e foram delimitas em tracejado com fita auto-colante.

Relativamente às balizas, Lapresa, Arana, Garzon, Eguén e Amatria (2010), indicam-nos que no seu estudo foram utilizadas balizas idênticas às do FUT 7, 6x2 m. Em Inglaterra, , as medidas das balizas são apresentadas em pés, sendo que para o FUT 9 a FA (2012) recomenda a utilização de balizas com comprimento que pode variar entre os 16 e os 21 pés, ou seja, entre os 4,87 m e os 6,40 m, mantendo a altura definida nos 7 pés (2,13 m). No nosso estudo pretendemos manter uma proporcionalidade entre o FUT 7 e o FUT 11, pelo que as balizas utilizadas tinham 6,15 x 2,25 m.

As restantes medidas e regras foram consideradas de acordo com os regulamentos da FPF para o futebol de 11.

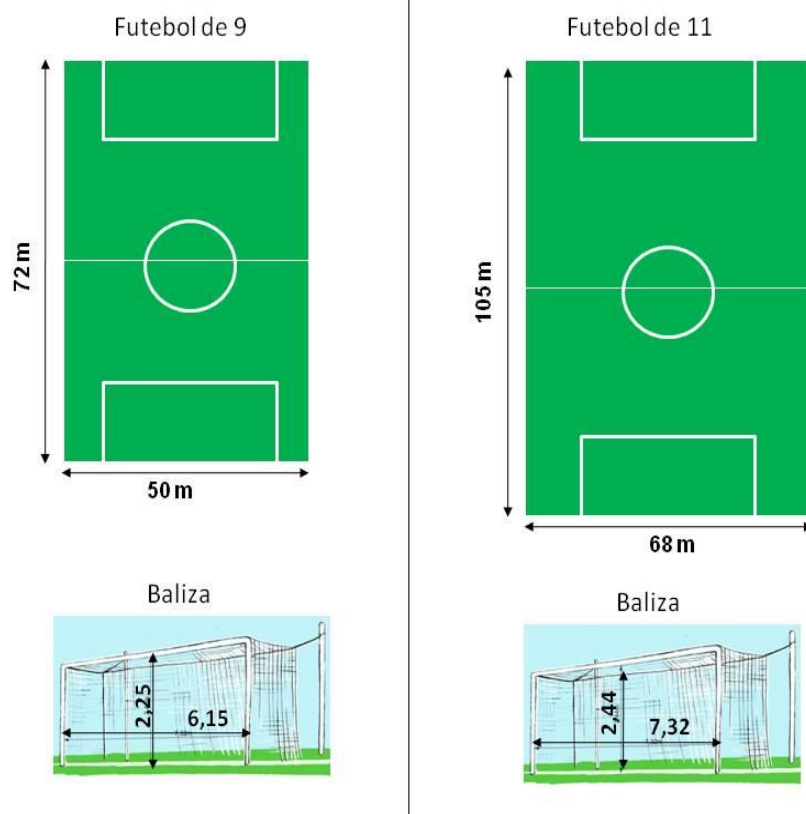


Figura 3 - Medidas adoptadas dos campos e balizas.

Ambos os jogos foram efetuados com bola número 5 de acordo com os regulamentos da FPF.

Os dois jogos foram filmados com uma câmara digital de modo a captar todas as intervenções dos jogadores sobre a bola no campo de jogo. A câmara foi colocada no mesmo local nos dois jogos analisados. Deste modo, podemos determinar, quantificar e qualificar o número de vezes que os jogadores interagem diretamente com o objeto do jogo (a bola).

2.3 - Definição de Variáveis

Após a filmagem, os jogos foram analisados com recurso à utilização de uma grelha para a identificação das seguintes ações:

- **nº de passes curtos** - ações em que a bola foi passada entre dois elementos da mesma equipa numa distância inferior a cerca de 15 metros.
- **nº de passes médios/longos** - ações em que a bola foi passada entre dois elementos da mesma equipa numa distância superior a cerca de 15 metros.

- **nº de receções** - ações em que um jogador recebeu e controlou a bola, tendo-a disponível para realizar outra acção seguinte do jogo.

- **nº de dribles 1x1** - progressão no terreno com bola controlada no sentido de ultrapassar um adversário direto.

- **nº de cortes/recuperações** - ação desenvolvida por um jogador defensor que, ao tocar a bola, impede o adversário de concretizar a ação pretendida. Neste caso, o jogador sem bola, pode ou não ficar com a sua posse.

- **nº de intervenções defensivas de cabeça** - ação desenvolvida por um jogador de uma equipa sem a posse de bola e que intervém sobre a bola com a cabeça de modo a impedir a equipa adversária de concretizar a ação técnico-tática pretendida.

- **nº de intervenções ofensivas de cabeça** - ação desenvolvida por um jogador de uma equipa com a posse de bola e que intervém sobre a bola com a cabeça de modo a concretizar a ação técnico-tática pretendida.

- **nº de toques consecutivos** - número de toques que o jogador portador da bola efetua após realizar a receção da bola e até ao momento em que define uma outra ação (passe, remate ou perda de bola).

- **nº de remates** - ação que permite ao jogador manifestar uma intenção clara em marcar golo.

- **nº de reposições de bola fora** - número de vezes em que uma equipa dispôs de lançamentos de linha lateral.

- **nº de cantos cobrados** - número de vezes em que uma equipa dispôs de pontapés de canto.

- **nº livres cobrados** - número de vezes em que uma equipa dispôs de livres assinalados a seu favor, independentemente da zona do campo em que ocorreram.

- **nº reposições de baliza** - número de vezes que existe reposição por pontapé de baliza ou pelo guarda-redes após defesa.

- **nº de golos** - número de vezes que a bola ultrapassa a linha de baliza, em condições de cumprimento total das leis de jogo.

2.4 Tratamento dos Dados

As duas condições foram comparadas em termos descritivos com recurso aos valores percentuais e aos rácios, em função do número de jogadores em campo em cada condição, relativos ao número de ações registadas. Para aferir diferenças entre as duas condições foi utilizado um teste t de medidas repetidas entre condições, com recurso ao software “Statistical Package for Social Sciences” (SPSS, Inc., Chicago, IL), versão 20.0.

2.5 Fiabilidade da amostra

Para aferir a fiabilidade na observação das ações registadas, os 10 minutos iniciais do jogo de Fut 11 foram reavaliados. Para cálculo da fiabilidade utilizámos a medida Erro Técnico de Medida (TEM) e o coeficiente de fiabilidade (*R*) (Goto & Mascie-Taylor, 2007). Os resultados revelaram um valor de TEM=0.41 com uma percentagem de variação do Erro Técnico de Medida %TEM=4.69. Aos valores referidos corresponde um coeficiente de fiabilidade R=0.998, o que nos permite afirmar que existe uma grande fiabilidade nos registos realizados para observação dos 2 jogos em análise.

3 Resultados

Na tabela 2 apresentamos os resultados das intervenções sobre a bola observadas nos dois jogos realizados. Identificámos as duas equipas em confronto (Equipa A e Equipa B) e registámos 2 momentos distintos por cada equipa e por jogo: 1ª parte do jogo FUT 9; 2ª parte do jogo FUT 9; 1ª parte jogo FUT 11 e 2ª parte do jogo FUT 11.

Tabela 2 - Total das ações realizadas pelas equipas A e B nos jogos de FUT 9 e de FUT 11.

Ações	FUT 9					FUT 11				
	Equipa A		Equipa B		Total	Equipa A		Equipa B		Total
	1ª P	2ª P	1ª P	2ª P		1ª P	2ª P	1ª P	2ª P	
Passes Curtos	119	118	81	80	398	96	83	57	82	318
Passes Longos	43	24	20	19	106	33	17	21	24	95
Receções	100	91	65	62	318	91	66	46	59	262
Dribles 1x1	31	12	15	29	87	19	16	19	15	69
Cortes/Recuperações	53	45	61	57	216	60	68	55	50	233
Intervenções de cabeça - defensivas	4	6	7	5	22	5	6	11	3	25
Intervenções de cabeça - ofensivas	4	3	0	3	10	5	3	1	2	11
Toques consecutivos - 1 ou 2	59	42	26	26	153	40	18	23	31	112
Toques consecutivos - 3 ou 4	11	8	6	11	36	6	9	4	3	22
Toques consecutivos - 5 ou mais	2	1	1	0	4	1	1	1	0	3
Remates	3	6	1	9	19	9	7	1	1	18
Lançamentos de linha lateral	16	15	10	10	51	7	7	9	11	34
Cantos cobrados	3	3	1	2	9	3	3	1	0	7
Livres cobrados	1	2	4	2	9	4	5	9	9	27
Reposições de baliza	5	10	13	12	40	7	3	7	8	25
Golos	1	1	0	2	4	0	2	0	1	3
Total	840		638		1478	698		563		1261

Da análise da tabela 2, observamos que, apesar dos resultados finais dos dois jogos terem sido diferenciados, com o jogo de FUT 9 a registar um empate no número de golos obtidos (2-2), e o jogo de FUT 11 a registar uma vitória pela margem mínima (2-1) da equipa A, podemos entender que houve um equilíbrio entre as duas equipas em termos de marcação de golos.

Analisando o número total de ações realizadas pelas duas equipas nos dois jogos, podemos verificar que:

No FUT 9 a equipa A registou mais intervenções sobre a bola que no FUT 11 (840 contra 698).

No FUT 9 a equipa B registou mais intervenções sobre a bola que no FUT 11 (638 contra 563).

No total, registaram-se mais intervenções sobre a bola no FUT 9 que no Fut 11 (1478 contra 1261) ou seja, uma diferença de 217 acções a mais.

Na tabela 3 são apresentados os valores em média e o respetivo desvio padrão das ações registadas e que complementam os resultados da tabela anterior.

Tabela 3 - Média e desvio padrão do número de ações realizadas para as duas condições de jogo.

Ações	FUT 9		FUT 11	
	M	sd	M	sd
Passes Curtos	99,5	21,95	79,5	16,30
Passes Longos	26,5	11,21	23,75	6,80
Receções	79,5	18,88	65,5	18,91
Dribles 1x1	21,75	9,64	17,25	2,06
Cortes/Recuperações	54	6,83	58,25	7,68
Intervenções de cabeça - defensivas	5,5	1,29	6,25	3,40
Intervenções de cabeça - ofensivas	2,5	1,73	2,75	1,71
Toques consecutivos - 1 ou 2 toques	38,25	15,76	28	9,63
Toques consecutivos - 3 ou 4 toques	9	2,45	5,5	2,65
Toques consecutivos - 5 ou mais	1	0,82	0,75	0,50
Remates	4,75	3,50	4,5	4,12
Lançamentos de linha lateral	12,75	3,20	8,5	1,91
Cantos cobrados	2,25	0,96	1,75	1,50
Livres cobrados	2,25	1,26	6,75	2,63
Reposições de baliza	10	3,56	6,25	2,22
Golos	1	0,82	0,75	0,96

Através destes dados que nos comparam as duas situações de jogo, podemos constatar que:

Em média, o jogo de FUT 9 apresenta mais: Passes curtos; Passes longos; Receções; Dribles 1x1; Toques consecutivos (1ou 2; 3 ou 4; 5 ou mais); Remates; Lançamentos de linha lateral; Cantos cobrados; Reposições de baliza e golos.

Em média, o jogo de FUT 11 apresenta mais: Cortes/Recuperações; Intervenções de cabeça defensivas e ofensivas; Livres marcados.

A tabela 4 permite-nos verificar se as diferenças atrás descritas são ou não significativas.

Tabela 4 - Resultados da comparação do número de ações realizadas entre as duas condições de jogo

	t	df	p
Passes Curtos	3,405	3	,042*
Passes Longos	,792	3	,486
Receções	4,667	3	,019*
Dribles 1x1	,914	3	,428
Cortes/Recuperações	-,606	3	,587
Intervenções de cabeça - defensivas	-,600	3	,591
Intervenções de cabeça - ofensivas	-,522	3	,638
Toques consecutivos - 1 ou 2 toques	1,513	3	,227
Toques consecutivos - 3 ou 4 toques	1,807	3	,168
Toques consecutivos - 5 ou mais	1,000	3	,391
Remates	,086	3	,937
Lançamentos de linha lateral	1,703	3	,187
Cantos cobrados	1,000	3	,391
Livres cobrados	-4,700	3	,018*
Reposição de baliza	1,861	3	,160
Golos	,522	3	,638

*Diferenças estatisticamente significativas ($P < 0,05$)

Da análise da tabela anterior podemos verificar que apenas existem diferenças significativas entre o FUT 9 e o FUT 11 ao nível do passe curto e das receções, situações que estão associadas, pois se o passe é bem sucedido segue-se uma receção de bola por parte do recetor.

Existem ainda diferenças significativas entre as duas situações de jogo ao nível dos livres cobrados. Este resultado pode no entanto ser explicado pelo facto de o jogo de FUT 11 ter sido arbitrado por um árbitro pertencente aos quadros distritais de arbitragem do distrito de Castelo Branco, ao invés do jogo de FUT 9, onde não houve a possibilidade de ter esse mesmo árbitro e tivemos que recorrer a um antigo jogador de futebol, sem formação ao nível da arbitragem e que talvez por isso tenha sido um pouco mais permissivo na análise aos lances do jogo. Através da tabela 4, podemos verificar que no jogo de FUT 11 foram assinalados 27 livres e no jogo de FUT 9 apenas 9.

As tabelas 2, 3 e 4 permitiram-nos verificar as diferenças do número de intervenções sobre a bola que existiram nas duas situações de jogo. Atendendo que no FUT 11 tivemos envolvidos 22 jogadores (2 guarda-redes e 20 jogadores de campo) e no FUT 9 estavam em campo 18

jogadores (2 guarda-redes e 16 jogadores de campo), a tabela 5 permite-nos verificar qual o rácio entre o número total de ações realizadas e o número médio de intervenções que cada jogador/guarda-redes executou nas duas situações de jogo.

Tabela 5 - Diferença percentual entre o número de ações realizadas para cada condição tendo por base o rácio de ações realizadas com referência ao número de jogadores em campo.

Ações	FUT 9	FUT 11	Diferença percentual
	Rácio nº ações		FUT 9 / FUT 11 (%)
Passes Curtos	24,88	15,90	56,45
Passes Longos	6,63	4,75	39,47
Recepções	19,88	13,10	51,72
Drible 1x1	5,44	3,45	57,61
Cortes/Recuperações	13,50	11,65	15,88
Intervenções de cabeça - defensivas	1,38	1,25	10,00
Intervenções de cabeça - ofensivas	0,63	0,55	13,64
Conduções de bola - 1/2toque	9,56	6,10	56,76
Conduções de bola - 3/4 toques	2,25	1,10	104,55
Conduções de bola + 5 toques	0,25	0,15	66,67
Remates	1,19	0,90	31,94
Lançamentos de linha lateral	3,19	1,70	87,50
Cantos cobrados	0,56	0,35	60,71
Livres cobrados	0,56	1,35	-58,33
Reposição de baliza	20	12,5	60
TOTAL	89,88	62,3	44,26

Os dados da tabela 5 revelam-nos que, cada jovem jogador realizou tendencialmente mais ações no jogo de FUT 9 (89,88) que no jogo de FUT 11 (62,3). Traduzida em termos percentuais, no jogo de FUT 9, cada jovem jogador realizou aproximadamente mais 44% de ações do que no FUT 11.

Podemos verificar que, com exceção dos Livres marcados (FUT 11 - 1,35; FUT 9 - 0,56), em todas as outras ações de jogo observadas, tendencialmente cada jovem jogador realizou mais intervenções sobre a bola no jogo de FUT 9 que no jogo de FUT 11.

As Intervenções de cabeça (defensivas e ofensivas) e os Cortes/Recuperações de cada jovem jogador foram superiores tendencialmente entre 10 e 16% no FUT 9 relativamente ao FUT 11.

No FUT 9, cada jovem jogador realizou tendencialmente entre 30 a 40% mais Passes Longos e Remates que no FUT 11.

No FUT 9, cada jovem jogador realizou tendencialmente acima de 50% mais de Passes curtos, Recepções, Dribles 1x1, Conduções de bola, Lançamentos de linha lateral e Cantos que no FUT 11.

No FUT 9, também os jovens guarda-redes foram chamados a intervir no jogo tendencialmente mais 60% das vezes que no FUT 11.

4 Discussão e Conclusões

4.1 Discussão dos resultados

O Futebol é uma modalidade que pode ser analisada de diversos ângulos e prismas, todos eles com um infindável conjunto de variáveis. No nosso estudo propusemo-nos comparar a prática competitiva do FUT 9 e do FUT 11 em jovens sub-14, de modo a perceber quais as mais valias que podem resultar da introdução do FUT 9 na formação dos jogadores. Para isso procurámos analisar o número de intervenções sobre a bola em cada um dos modelos competitivos. De um modo geral, os resultados obtidos mostram que:

- Quando praticado por jovens jogadores, um jogo de FUT 9 apresenta mais intervenções sobre a bola do que um jogo de FUT 11.

- Com exceção dos Cortes/Recuperações, Intervenções de cabeça (defensivas e ofensivas) e Livres cobrados, todas as outras intervenções sobre a bola (Passes curtos, Passes longos, Receções, Dribles 1x1, Conduções de bola, Remates, Lançamentos de linha Lateral, Cantos cobrados, Reposições de baliza e golos) são, em número superior no FUT 9 que no FUT 11.

- Apesar destes resultados, as diferenças entre o FUT 9 e o FUT 11 são significativas apenas para os itens “Passes curtos” e “Receções” e “Livres cobrados”.

Estes resultados permitem-nos afirmar que em termos do número de ações registadas, tal como definido na nossa hipótese H1, o FUT 9 e o FUT 11 distinguem-se quanto ao número de ações realizadas nos “Passes curtos”, “Receções” e “Livres cobrados”.

O nosso estudo permitiu-nos ainda concluir que, em média, cada jovem jogador intervém, em praticamente todos os itens, mais vezes sobre a bola num jogo de FUT 9 que num jogo de FUT 11. Em alguns itens, como é o caso dos itens “Passes curtos”, “Recepções”, “Dribles 1x1”, “Conduções de bola”, “Lançamentos de linha lateral” e “Cantos”, as diferenças situam-se acima dos 50%. Noutros itens, como “Passes Longos” e “Remates” a diferença situa-se respetivamente em aproximadamente 39% e 32%. No caso dos itens “Intervenções de cabeça” (defensivas e ofensivas) e os cortes/recuperações estas diferenças situaram-se entre os 10% e os 16%.

Também os jovens guarda-redes são chamados a intervir mais num jogo de FUT 9 que num jogo de FUT 11 (em média mais 60%).

A única exceção registou-se no item “Livres cobrados”, onde no FUT 11 se registaram em média mais ações que no FUT 9, situação que pode no entanto ter como explicação o descrito

no capítulo de apresentação de resultados (Não foi possível os dois jogos serem dirigidos pelo mesmo árbitro).

Estes dados permitem-nos responder à nossa hipótese H2, confirmando-se que os jovens jogadores que praticam FUT 9 realizam em média mais 44,26% de intervenções sobre a bola que num jogo de FUT 11.

Com base nas conclusões às respostas das nossas duas hipóteses de estudo, consideramos que, a prática do FUT 9 em detrimento do FUT 11, permite aos jovens em idade escolar sub-14 intervirem mais vezes sobre a bola.

Estes dados revelam-se de maior importância para a compreensão do processo de ensino do jogo, pois de acordo com Dellal, Owen, Krustup, Exsel e Mallo (2012), um dos principais fatores que determina o tempo de prática deliberada de um jogador de futebol com implicações na sua evolução é precisamente o número de contactos/intervenções que este tem sobre a bola. No mesmo sentido, Carvalho e Pacheco (1990) são da opinião que o número de vezes que um jogador tem a possibilidade de realizar ações que impliquem contato direto com o móbil do jogo (bola) parece assumir-se como um fator de importância fulcral na aquisição de habilidades para jogar. Conjugando os resultados obtidos no nosso estudo com as linhas de orientação pedagógica referenciadas, e analisando os objetivos do programa de educação física para o 3º ciclo (2001) referenciados na introdução, nomeadamente a aquisição dos gestos técnicos de base da modalidade por parte dos alunos (passar, receber, conduzir a bola, driblar e rematar), será pertinente colocarmos a seguinte questão: Não deverão os programas de educação física do ensino oficial contemplar ou fazer referência, a uma etapa intermédia de formação entre o FUT 7 e o FUT 11? Relembremos que o nosso estudo foi elaborado com uma amostra onde a população tem toda ela experiência competitiva, o que não acontece ao nível da escola/turma. Nestes casos, estamos perante um grupo heterogéneo, onde se inserem alunos de sexos diferentes, com mais ou menos experiência e graus de competência para a prática do futebol muito diversificada. A transição do FUT 7 para o FUT 11, será, certamente, nestes casos ainda mais difícil para os alunos. Justificar-se-á a introdução do modelo competitivo de FUT 9? Os dados resultantes do nosso estudo, ao nível do número de intervenções sobre a bola e dos benefícios daí resultantes para os intervenientes assim o indicam.

No entanto, no caso do futebol, em Portugal e na maioria dos países europeus, a forma como a modalidade é apresentada nos programas de educação física está intimamente ligada ao modelo competitivo desenvolvido pelas associações distritais de futebol e pela FPF. Possivelmente, uma alteração dos programas educativos de Educação Física seria sempre resultante (ou associada), a uma alteração dos modelos competitivos das associações de futebol.

Relembremos que só recentemente os manuais escolares, e apenas alguns (tabela 1), começam a apresentar o jogo FUT 7 como o mais indicado para os alunos do 2º ciclo do ensino básico.

Ao nível do desporto associativo, em Portugal, a introdução do FUT 7 como modelo de competição e parte integrante do processo de aprendizagem dos jovens aconteceu há dez anos atrás. Na altura, muitos foram aqueles que duvidaram das vantagens dessa medida, situação que nos dias de hoje desapareceu quase por completo. A proliferação de campos de FUT 7 e de FUT 11 com marcações também para a prática de FUT 7 é uma realidade com tendência a ser cada vez mais robusta. Por outro lado, a introdução do FUT 7 permitiu um aumento do número de equipas em competição. O facto de se encontrarem em confronto equipas constituídas por 7 elementos em vez dos 11 permitiu, no distrito de Castelo Branco, que muitos clubes com uma certa dimensão e tradição nos escalões de formação se organizassem com 2, 3 ou 4 equipas de competição. Também algumas localidades com uma população mais reduzida, e que sofrem com o decréscimo da taxa de natalidade puderam beneficiar com esta medida, e sendo-lhes quase impossível formar um plantel para disputarem jogos de FUT 11, passou a ser possível formarem uma equipa para FUT 7. A título de exemplo, na presente época desportiva (2012/2013), no distrito de Castelo Branco existem 23 equipas a disputar o campeonato distrital de infantis e apenas 11 a disputar o campeonato distrital de iniciados. Também no distrito da Guarda esta situação é semelhante: 28 equipas disputam o campeonato distrital de infantis e 16 o de iniciados. Apesar das diferenças entre o número de equipas de FUT 7 e de FUT 11 que disputam os campeonatos ser elevada, a introdução do FUT 7 nos escalões de infantis permitiu no entanto um incremento do número de equipas no escalão de iniciados, pois no distrito de Castelo Branco em 2002/2003 existiam apenas 6 equipas de iniciados a disputar o campeonato distrital e em 2003/2004 esse número foi somente de 5 (ver www.afcastelobranco.pt e www.afguarda.pt).

Neste aspeto, pensamos que, também por estes dados se deve analisar as vantagens e desvantagens da introdução do FUT 9 como competição integrante do processo de aprendizagem dos jovens jogadores. Os pressupostos atrás apresentados parecem indicar que se introduzíssemos a competição FUT 9 no escalão de iniciados, essa situação poderia permitir um acréscimo do número de equipas a disputarem os campeonatos distritais e consequentemente também influenciar o aumento do número de equipas no escalão imediatamente acima (Juvenis).

4.2 Propostas para futuros estudos

Com a realização deste estudo pretendemos incrementar uma discussão sobre um tema que começa a ser analisado em Portugal e em muitos países da Europa: “A introdução do FUT 9

como uma etapa na aprendizagem do futebol”. Pensamos que os resultados obtidos no nosso estudo devem ser motivo de análise e, se possível, comparação com outros trabalhos semelhantes.

No nosso estudo optámos por verificar a variação no número de intervenções entre um jogo de FUT 9 e um de FUT 11 e fizemos incidir este estudo sobre uma população alvo sub-14. No entanto este tipo de estudo pode também ser feito sobre jovens jogadores sub-13 e sub-12, pois vários autores entendem que o FUT 9 deve ser praticado por jovens nestas faixas etárias (Pacheco, 2009; Lapresa, Arana & Garzón, 2006) de modo a uma maior compreensão sobre a possibilidade de generalização dos resultados obtidos.

Por outro lado, não são apenas o número de intervenções sobre a bola que devem determinar as vantagens e desvantagens da utilização de FUT 9 ou FUT 11. As exigências em termos fisiológicos, face às capacidades dos praticantes, devem ser também um dos fatores a considerar nesta análise.

Da mesma forma se coloca a problemática relativa à aquisição por parte dos jovens do conhecimento tático do jogo. A utilização de variantes de jogo reduzido, na generalidade, permite, com um número reduzido de jogadores, a manifestação apropriada de comportamentos tático-técnicos idênticos ao jogo de referência (Reilly, 2005). No entanto, o jogo de futebol traduz-se em relações de cooperação/oposição, alicerçadas nos aspetos estratégico-táticos do jogo e cimentadas entre colegas e adversários (Garganta e Pinto, 1998; Moreno, 1984; Ramos, 2003), e a forma como esta relação varia entre o jogo de FUT 9 e o de FUT 11 deve, por isso, também, ser levada em consideração e ser objeto de análise.

4.3 Conclusões

Como conclusões, e tendo em conta os objetivos do estudo, podemos afirmar que:

- Quando praticado por jovens jogadores, um jogo de FUT 9 apresenta mais intervenções sobre a bola do que um jogo de FUT 11.

- Apesar destes resultados, as diferenças mais relevantes entre o FUT 9 e o FUT 11 são ao nível do número de “Passes curtos” e “Recepções”. Os jovens jogadores que praticam FUT 9 realizam em média mais 44,26% de intervenções sobre a bola que num jogo de FUT 11.

Também os jovens guarda-redes são chamados a intervir mais num jogo de FUT 9 que num jogo de FUT 11 (em média mais 60%).

A conjugação dos dados obtidos, e comparando o FUT 9 com o FUT 11, pela vertente do fator “intervenções sobre a bola” e os benefícios daí resultantes para os jovens na aquisição de habilidades para jogar, concluímos que se justifica a prática do FUT 9 como etapa intermédia de transição entre o FUT 7 e o FUT 11.

Referências Bibliográficas

Almeida, A.P., Monteiro, J.C. (2012). *Educação Física 5/6*. Manual escolar de Educação Física de 2º ciclo. Areal Editores.

Amatria, M., Arana, J., Egüén, R., Lapresa, D., & Garzón, B., (2010). *Adaptando la competición en la iniciación al fútbol: estudio comparativo de las modalidades de fútbol 3 y fútbol 5 en categoría prebenjamín*. Revista apunts - education física y deportes, 3º trimestre.

Arana, J., Lapresa, D., & Garzón, B., (2006). *El fútbol 9 como alternativa as fútbol 11, a partir del estudio de la utilización del espacio de juego*. Pedagogía Deportiva. Revista apunts - education física y deportes, 4º trimestre.

Aranha, A., Cachada, J., Lopes, E., Moreira, J.E., Pereira, M.F., Veloso, R. (2012). *Passa a bola*. Manual escolar de Educação Física de 2º ciclo. Porto Editora.

Azevedo, A., Batista, P., Rêgo, L. (2012). *Em Movimento*. Manual escolar de Educação Física de 2º ciclo. Leya, edições ASA.

Barata, J., Coelho, O. (2012). *Hoje há Educação Física*. Manual escolar de Educação Física de 2º ciclo. Leya, edições Texto.

Borba, R., Barreto, H., & Barreiros, J. (2007). *Encolhendo o espaço de jogo: insights para a compreensão do desenvolvimento tático-técnico da criança*. Desenvolvimento motor da criança. Lisboa: Edições FMH.

Capranica, C., Tessitore, A., Guidetti, L. & Figura, F. (2001). *Heart rate and match analysis in pré-pubescent soccer players*. Journal os Sport sciences, 19(6), 379-384.

Castelo, J. (2004). *Futebol - A organização dinâmica do jogo*. Lisboa: Edições FMH.

Carvalho, J. e Pacheco, R. (1990). *Ensino do Futebol: Futebol de 11 ou Futebol de 7*. Revista Horizonte, Dossier Vol. VII-XI, Lisboa.

Costa, J. (2012). *Jogo Limpo*. Manual escolar de Educação Física de 2º ciclo, 2ª parte. Porto Editora.

Pope, D. (2012) <http://www.clubnewsletter.co.uk/2011/feb/faproposals.html#9v9> em 27/11/2012

Dellal, A., Owen, A., Wong, D.P., Krusturp, P., Exsel, M., Mallo, J. (2012). Technical and physical demands of small vs. large sided games in relation to playing in elite soccer. Revista "Human Movement Science", 31 (2012) 957-969.

Dias, F., Ferreira, A. (2012). *Partida*. Manual escolar de Educação Física de 2º ciclo. Leya, edições Texto.

FA - My Football <http://www.thefa.com/my-football/player/youth-football/youth-development-review> em 27/11/2012

- Garganta, J. (1998). *Analisar o jogo nos Jogos Desportivos Colectivos: Uma preocupação comum ao treinador e investigador*. Revista Horizonte, XIV (83).
- Garganta, J., & Pinto, J. (1994). O ensino do Futebol, In *O ensino dos jogos desportivos* (Vol. I. 97-137). Amândio Graça e José Oliveira (eds). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos Colectivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- Goto, R., & Mascie-Taylor, C. G. N. (2007). Precision of measurement as a component of human variation. *Journal of physiological anthropology*, 26(2), 253-256. doi: 10.2114/jpa2.26.253
- Graça, A. (1998). Os comos e os quando no ensino dos jogos. In: A. Graça & J. Oliveira (Eds), *O ensino dos jogos desportivos*. Centro de estudos dos jogos desportivos. CECJ. FCDEF-UP.
- Graça, A. & Oliveira, J. (1995). *O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: CEJD, Edições FCDEF.
- Marques, A. (2004). Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. In Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Ed.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul Editora, pp 77-96.
- Moreno, J. (1984). Factores que determinan la estructura funcional de los deportes de equipa. Apunts. Vol XXI: 37-42.
- Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol de 7: um jogo de iniciação ao futebol de 11*. Porto: Edições Grafiasa.
- Pacheco, R. (2009)
<http://www.afguarda.pt/index.asp?idedicao=51&idseccao=807&id=1154&action=noticia> em 19/04/2013
- Pinto, J. (1996). A Tática no futebol: Abordagem conceptual e implicações na formação. In estratégia e tática nos JDC: 51-62, J. Oliveira & F. Tavares (Eds). CECJ. FCDEF-UP.
- Pinto, A. (2007). Se não fosse para ganhar. *A importância da dimensão tática no ensino dos Jogos Desportivos Colectivos*. Campo das letras, Editores, SA.
- Programa de Educação Física. (1998). 2º Ciclo. Lisboa: Ministério da Educação.
- Programa de Educação Física. (2001). 3º Ciclo. Reajustamento. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ramos, F. (2003). Futebol. Da “Rua” à competição. 2ª edição. Centro de estudos e formação desportiva, Lisboa.
- Reilly, T. (2005). An ergonomics modelo of soccer training process. *Journal of Sport Sciences*, 23(6), 561-572.
- Teoduresco, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa; Livros Horizontes Lda.
- Wein, H. (1994). *Fútbol a la medida del niño*. Madrid: CEDIF.

PAULO JORGE QUELHAS SOUSA

Aluno do curso de mestrado de ciências do desporto da
Universidade da Beira Interior

Data: Outubro de 2012

Assunto: Pedido de autorização para participação de um estudo por parte do educando.

Exmo. Senhor(a) encarregado(a) de educação:

Eu, Paulo Jorge Quelhas de Sousa, professor de Educação Física no agrupamento de escolas de Manteigas, encontro-me a realizar o Mestrado em Educação Física, na Universidade da Beira Interior, no qual irei realizar um estudo sobre as diferenças entre o futebol de 9 e o futebol de 11 para jovens em idade escolar. Para realizar este estudo será necessário realizar dois jogos amigáveis entre as equipas de iniciados da Associação Desportiva da Estação e do Clube Académico do Fundão. Estes jogos serão filmados para posteriormente se fazer a análise científica dos mesmos.

Assim, venho por este meio dirigir-me a V.Ex^a no sentido de autorizar o seu educando a participar neste estudo que decorrerá em datas a definir pelos clubes acima referenciados, autorizando também a recolha de imagens dos jogos. Informo V. Ex^a que todos os dados recolhidos/tratados têm como garantia o anonimato e confidencialidade dos mesmos, servindo apenas para efeitos da realização deste trabalho académico.

Atenciosamente,

O Mestrando

(Paulo Jorge Quelhas Sousa)